

**DINÂMICA DE OCUPAÇÃO DO SÍTIO RIO DO MEIO: ANÁLISE
ESTRATIGRÁFICA E ESPACIAL DE UM ASSENTAMENTO DIFERENCIADO NA
PAISAGEM DA ILHA DE SANTA CATARINA/SC**

DYNAMICS OF OCCUPATION OF THE RIO DO MEIO SITE: STRATIGRAPHIC AND
SPATIAL ANALYSIS OF A DIFFERENTIATED SETTLEMENT ON THE LANDSCAPE
OF THE ISLAND OF SANTA CATARINA/SC

Simon-Pierre Gilson
Andrea Lessa

Como citar este artigo:

GILSON, Simon-Pierre; LESSA, Andrea. Dinâmica de ocupação do sítio Rio do Meio: análise estratigráfica e espacial de um assentamento diferenciado na paisagem da ilha de Santa Catarina/SC. Cadernos do Lepaarq, v. XVIII, n.35, p. 125-145, Jan-Jun. 2021.

Recebido em: 03/07/2020

Aprovado em: 25/09/2020

Publicado em: 25/06/2021

ISSN 2316 8412

Dinâmica de ocupação do sítio Rio do Meio: análise estratigráfica e espacial de um assentamento diferenciado na paisagem da ilha de Santa Catarina/SC

Dynamics of occupation of the Rio do Meio site: stratigraphic and spatial analysis of a differentiated settlement on the landscape of the island of Santa Catarina/SC

Simon-Pierre Gilson^a

Andrea Lessa^b

Resumo:

Este trabalho resgata e apresenta a releitura dos dados da escavação do sítio litorâneo Rio do Meio com o auxílio de softwares de tratamento de imagens (Adobe Illustrator e Photoshop) e de geração de dados georreferenciados (QGIS). Após a análise crítica dos dados brutos disponíveis e elaboração de perfis estratigráficos e de mapas de distribuição de vestígios, foi proposta uma reflexão sobre a dinâmica de ocupação do assentamento e como esta se associa ao modo de vida dos grupos pescadores-caçadores-coletores que ocuparam os sítios rasos na área que corresponde ao atual litoral central e norte de Santa Catarina.

Abstract:

This work retrieves and presents the reinterpretation of the excavation data of the Rio do Meio coastal site with the support of image processing software (Adobe Illustrator and Photoshop) and georeferenced data generation (QGIS). After critical analysis of the available raw data and elaboration of stratigraphic profiles and distribution maps, a reflection was proposed on the settlement's dynamics of occupation and how it is associated with the way of life of the fishing-hunter-gatherer groups that occupied the shallow sites in the area. This one corresponds to the current central and northern coast of Santa Catarina.

Palavras-Chave:

Sítio raso; Análise estratigráfica; Análise espacial; Rio do Meio, Santa Catarina.

Keywords:

Shallow site; Stratigraphic analysis; Spatial analysis; Rio do Meio, Santa Catarina.

^a Museu Nacional-Universidade Federal do Rio do Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Arqueologia. Apoios financeiros Capes e CNPq. simonp.gilson@gmail.com.

^b Museu Nacional-Universidade Federal do Rio do Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Arqueologia. Apoios financeiros Capes e CNPq. lessa.mn@gmail.com.

INTRODUÇÃO

Em 1997, uma localidade no litoral norte da Ilha de Santa Catarina, hoje conhecida como sítio arqueológico Rio do Meio, foi ameaçada na sua integridade por um empreendimento imobiliário. Com o objetivo de trazer à luz aspectos da história dos nativos que colonizaram o litoral brasileiro, uma escavação foi realizada sob a responsabilidade de uma equipe coordenada pela arqueóloga Teresa Domitila Fossari do Museu Universitário, atual Museu de Arqueologia e Etnologia Professor Oswaldo Rodrigues Cabral (MARquE/UFSC). Somente em 2014 uma equipe multidisciplinar do MARquE e do LEIA (Laboratório de Estudos Interdisciplinares em Arqueologia)¹ resgatou do esquecimento o material arqueológico escavado no sítio Rio do Meio.

Trata-se de um assentamento diferenciado para o padrão observado no litoral meridional do Brasil, haja vista a completa ausência de sepultamentos, a despeito da presença de uma estratigrafia bem organizada, dimensão extensa, e vestígios de realização de atividades específicas durante um intervalo de tempo que corresponderia à ocupação do assentamento por várias gerações. Assim, a iniciativa de dar início ao processo de curadoria do material escavado no sítio Rio do Meio, ainda em curso, oportunizou a realização de pesquisas sobre um assentamento único até o momento na paisagem litorânea de Santa Catarina, o que amplia o conhecimento e evidencia novos aspectos sobre o modo de vida dos pescadores-caçadores-coletores que o ocupavam.

Sob esta perspectiva, este artigo tem como objetivo discutir os dados sobre a dinâmica de instalação deste assentamento diferenciado através da análise de sua estratigrafia e espacialidade. Assim, após uma contextualização histórica, geográfica e arqueológica do sítio, será apresentada a estratigrafia e a distribuição espacial dos vestígios descobertos. Além da apresentação das fontes originais, o texto oferece o resultado da sua análise através da utilização de softwares de tratamento de imagens (Adobe Illustrator e Photoshop) e de geração de dados georreferenciados (QGIS).

1. HISTÓRIA E GEOGRAFIA DO SÍTIO

O sítio Rio do Meio foi identificado em 1987 pela equipe de arqueólogos do Museu de Arqueologia e Etnologia Professor Oswaldo Rodrigues Cabral (MARquE/UFSC) no âmbito de um projeto de cadastramento arqueológico realizado na década 80. Estava localizado na praia de Jurerê, próximo a um curso d'água que deu origem ao seu nome (figura 1). Foi escavado entre 1996 e 1997 sob a coordenação da então arqueóloga da instituição, Teresa Fossari, no contexto de um projeto arqueológico de salvamento (FOSSARI, 1998, 2004).

Sobre o Rio do Meio:

¹ SCHERER, L. Z. 2016. *Revisitando o acervo arqueológico Rio do Meio: estudo das coleções cerâmica, faunística e lítica*. Prêmio Catarinense de Museus Elisabete Anderle, Modalidade de Pesquisa, 2014. Edital nº 294/2014.

[...] cuja resposta ao sensor de fotografia aérea é de cor preta sugerindo profundidade e presença de matéria orgânica. Hoje este corpo de água encontra-se soterrado artificialmente. O Rio do Meio deve ter sido um corpo de água estuarino, cujo deságue no mar foi dificultado nos últimos tempos devido à alta energia das ondas que depositavam areias fechando a foz. [...] Talvez o Rio do Meio fosse, em determinado momento de nível de mar pouco mais baixo que o atual, uma saída variante daquele canal formador do Faustino. (FOSSARI, 2004, p.232, citando com. pess. DUARTE 2003).

Localizado na beira do mar em uma área de dunas com, atualmente, uma espessa vegetação do tipo restinga, o sítio Rio do Meio está localizado em uma planície de cristas praias delimitada a leste e oeste por elevações de rochas Pré-Cambrianas, ainda hoje cobertas por uma vegetação de tipo Mata Atlântica, e ao Sul por um manguezal (FOSSARI, 2004, citando com. pes. DUARTE, 2003).

As coordenadas das duas áreas identificadas no sítio, publicadas no relatório de Fossari em 1998, são área I: 27°26'23"S e 48°29'56"W; e área II: 27°26'26"S e 48°29'58" W.

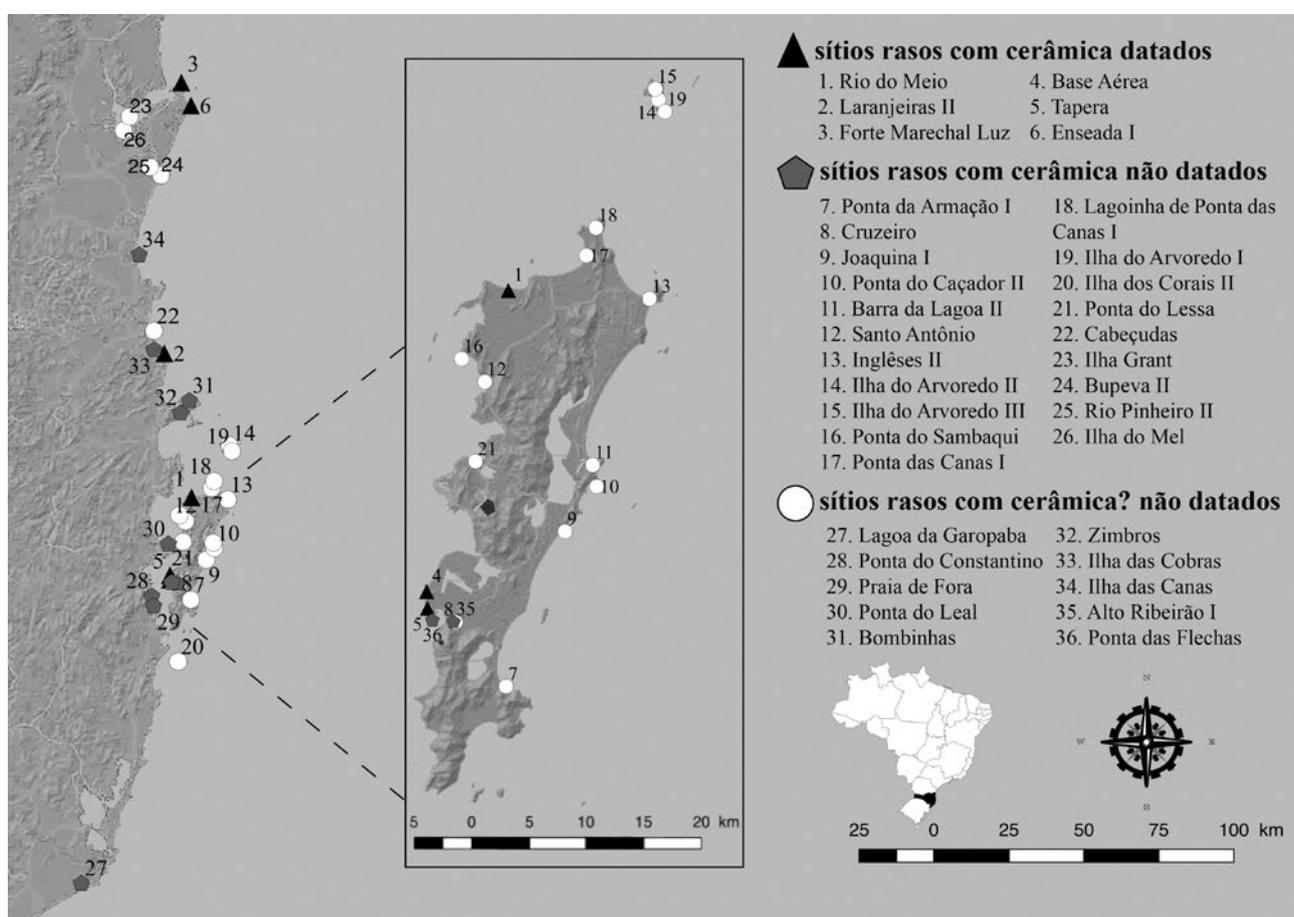


Figura 1. Mapa dos sítios rasos que apresentam cerâmica conhecidos na costa norte e central de Santa Catarina, Brasil

2. CARACTERIZAÇÃO NO ÂMBITO DA ARQUEOLOGIA BRASILEIRA

De acordo com a datação do sítio e a presença de cerâmica, assim como as definições e conceitos propostos pela arqueologia brasileira, o sítio Rio do Meio é associado aos assentamentos do tipo sítio raso. Segundo Lessa (LESSA, 2005, 2015; LESSA, SCHERER, 2008), esse termo não foi o único utilizado para denominar esse tipo de sítio, fato que gerou – e ainda gera - certa confusão entre arqueólogos e indica o quão pouco foram estudados até o momento. Este é o termo adotado

GILSON, Simon-Pierre; LESSA, Andrea. Dinâmica de ocupação do sítio Rio do Meio: análise estratigráfica e espacial de um assentamento diferenciado na paisagem da ilha de Santa Catarina/SC. Cadernos do Lepaarq, v. XVIII, n.35, p. 125-145, Jan-Jun. 2021.

pelos autores em suas pesquisas, uma vez que é o único que não implica em qualquer associação cultural ou funcional.

Retornando à discussão de Lessa, outro termo utilizado até recentemente para denominar os sítios rasos e diferenciá-los dos então chamados sambaquis *stricto sensu* foi acampamento litorâneo (e.g. PROUS, 1992). Foi provavelmente emprestado/assimilado do termo em espanhol *paradero* utilizado pelo argentino Antônio Serrano (1933) para denominar sítios com pouca profundidade e composição estratigráfica formada majoritariamente por sedimento escuro e rico em matéria orgânica, especialmente carvão, localizados nas terras baixas da América do Sul, e por ele interpretados como ocupações de permanência temporária. Posteriormente, Serrano (1936) refina a classificação desses sítios, sugerindo que a terminologia correta seria *paraderos temporales* ou *estaciones*; e, na ocorrência de enterramentos humanos, deveriam ser denominados *paraderos-cementerios*. Até bem pouco tempo a ideia de ocupações não permanentes (*paraderos*) ia ao encontro das hipóteses formuladas por alguns arqueólogos brasileiros para os sítios litorâneos distintos dos sambaquis, com ou sem presença de cerâmica, daí a denominação de acampamentos litorâneos. É o caso de Beck (1971), que apoiada na afirmação de Darci Ribeiro (1970) de que os Xokleng teriam realizado movimentos migratórios pendulares entre o planalto e o litoral para o abastecimento de recursos, sugere essa via para a introdução da cerâmica de Tradição Itararé, e admite uma interpretação de ocupação sazonal para esses assentamentos.

Essas hipóteses, no entanto, nunca foram sustentadas por dados arqueológicos, haja vista a inexistência de outros elementos (estilísticos, funcionais) associados aos grupos do planalto, ou ainda assentamentos de transição na encosta ou mesmo no litoral. Ao contrário, o farto material cultural ósseo, lítico e malacológico, a diversidade de recursos explorados e o expressivo número de sepultamentos encontrados nesses sítios indicam o cotidiano de grupos bem adaptados ao meio, ocupando aldeias estáveis. Ainda segundo Lessa (2015), os primeiros arqueólogos a identificarem esse tipo de instalação humana foram G. Tiburtius, I. K. Bigarella e J.J. Bigarella em 1950, os quais utilizaram o termo jazida páleo-etnográfica para caracterizar o sítio Itacoara, um assentamento diferente dos sambaquis tradicionais localizado na região de Joinville. Rohr (1959) seguiu a denominação proposta por Tiburtius ao publicar os resultados da escavação da Jazida da Base Aérea (Ilha de Florianópolis, SC), no entanto, posteriormente, o termo foi sendo deixado de lado e Rohr passou a se referir a esses assentamentos apenas como 'sítios arqueológicos' - por exemplo, ao publicar o sítio Praia da Tapera (1966). Finalmente, Rohr (1984a) passou a utilizar explicitamente o termo sítio raso/sítio raso com cerâmica para designá-los, enfatizando características estratigráficas que os diferenciam dos sambaquis.

As principais características desses sítios foram resumidas por Rohr (1977) da seguinte forma:

Ocorre na Ilha [de Santa Catarina] uma série de sítios arqueológicos rasos, com numerosos sepultamentos e uma cultura material muito copiosa, semelhante à cultura dos sambaquis. No entanto, estes sítios não são sambaquis porque encerram teor muito baixo de conchas. A camada arqueológica dos mesmos, de aproximadamente um metro de espessura, assenta sobre areia da praia, sendo formada por húmus escuro, de mistura com areia, carvão vegetal, ossadas de peixes, aves e mamíferos e conchas esparsas (p.8).
...Em certas áreas, a camada arqueológica, inclusive, é isenta de conchas (ROHR, 1977, p.9).

Há também, como comentado por Prous (1992), a utilização do termo sambaqui sujo para diferenciar esses sítios dos chamados sambaquis verdadeiros. O autor os define da seguinte forma:

[...] sítios litorâneos de coletores e pescadores que apresentam uma morfologia distinta dos sambaquis, correspondendo, ao que parece, a outras culturas. [...] Reservamos o termo “acampamentos litorâneos” aos sítios (ou a componentes, no caso de existir superposição estratigráfica) arqueológicos dentro dos quais os vestígios culturais estão contidos dentro de uma matriz sedimentar, na maior parte de elementos minerais, e dentro da qual as conchas de moluscos, embora presentes, constituem uma parte mínima do volume do sítio. Geralmente, estas conchas concentram-se em bolsões ou lentes de superfície limitada, enquanto o sedimento arenoso contém uma grande quantidade de restos de peixe. A relativa escassez das conchas faz com que sejam pouco espessos em relação aos sambaquis (raramente mais de um metro de espessura) (PROUS, 1992, p.272).

Ainda na década de 70, Anamaria Beck (1972), influenciada pela perspectiva histórico-culturalista vigente nas pesquisas desenvolvidas pelo Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA), elaborou duas fases para classificar os diferentes tipos de sítios rasos então identificados por ela: a fase Rio Lessa, que correspondia aos sítios rasos assentados diretamente sobre o sedimento arenoso das praias; e a fase Enseada, que correspondia aos sítios rasos assentados sobre extratos superiores dos sambaquis. Piazza (1974), sob a mesma perspectiva, definiu as Fases Araquari e Pirai para os sítios com cerâmica, baseado principalmente no estilo e na tecnologia de manufatura dos artefatos (LESSA, 2005; LESSA e SCHERER, 2008). Prous (1992), por sua vez, sugere uma divisão dos sítios rasos segundo cronologia e por região, justificada pela existência de particularidades entre as regiões meridional e fluminense, rejeitando assim a proposta pronapiana de associar todos esses sítios dentro da fase Itaipu. Baseando-se no desenvolvimento das indústrias, Prous classifica três tipos de sítios: acampamentos sem cerâmica antigos, acampamentos sem cerâmica recentes e acampamentos com cerâmica. Para os “antigos” o autor destaca a semelhança da indústria lítica com a dos sambaquis locais com presença de zoólitos, e, com relação à área geográfica de interesse para este trabalho, cita o sítio Pântano do Sul (Ilha de Santa Catarina). Seriam acidentes adaptativos em função da escassez da malacofauna em determinadas regiões e contemporâneos aos sambaquis verdadeiros. Para os sítios recentes sem cerâmica, Prous aponta para uma pequena diferença na indústria lítica, e uma diferença mais expressiva na indústria óssea em relação a dos sambaquis sem presença de zoólitos, e cita Armação do Sul (Ilha de Santa Catarina) e Cabeçadas (Itajaí) como possíveis sítios associados. Para os acampamentos “com cerâmica”, além da presença de artefatos em proporções muito diferentes entre os sítios, ou ainda, entre os níveis, o autor sugere uma leve mudança na indústria óssea e enfatiza a mudança na exploração do meio, com menor consumo de moluscos e maior diversificação na dieta em relação aos grupos sambaquianos. São citados Tapera (Ilha de Santa Catarina), Laranjeiras II (Camboriú), e Forte Marechal Luz (São Francisco do Sul).

As diferentes perspectivas pelas quais os sítios rasos têm sido discutidos ganharam novo fôlego com os trabalhos de Bandeira (2004) e Fossari (2004), as quais trabalharam com o conceito de etnicidade em sítios rasos com presença de cerâmica, buscando através dos dados arqueológicos sistematizar esforços interpretativos em direção à sociedade que os produziu. A primeira autora buscou problematizar a necessidade de se interpretar as evidências materiais de forma menos direta

e linear, resultado de abordagens paralisantes como as de tradição e fase. Como resultado observou algumas similaridades e muitas diferenças nos dados culturais e ambientais, sugerindo um cenário muito mais complexo e diverso para esses grupos.

Fossari (2004), por sua vez, buscou correlacionar os sítios rasos localizados na Ilha de Santa Catarina, evidenciando o que ela entendeu como sistema de assentamento pré-colonial Jê, tendo como base a presença de cerâmica de origem Itararé do Planalto. Cabe notar que a autora, responsável pela escavação do sítio Rio do Meio, embora reconheça a adequação do termo *sítio raso*, cunhado por Rohr, não o utiliza em sua pesquisa, dando preferência ao termo *sistema de assentamento pré-colonial Jê* para discutir a ocupação da Ilha de Santa Catarina por uma população diferente daquela conhecida como sambaquianos, os quais ocupavam montes construídos de conchas. Foge ao escopo do presente trabalho discutir a pertinência da associação entre esses grupos de pescadores-caçadores-coletores com as etnias Jê contactadas pelo conquistador Europeu.

É importante ressaltar, no entanto, que Fossari, assim como Rohr (1984b) e Schmitz (1996) reconhecem em suas pesquisas as marcantes diferenças entre as ocupações dos grupos que viviam nos sítios rasos e nos sambaquis. Essas diferenças abrangem os mais variados aspectos simbólicos e da vida cotidiana, tais como a forma de sepultar os mortos, a dieta e as indústrias lítica, óssea e cerâmica. Segundo Lessa (2015), uma das diferenças mais marcantes, relacionada tanto à esfera simbólica quanto ao estilo de vida, talvez seja a existência de um projeto construtivo, tão caro aos sambaquianos e irrelevante para os moradores dos discretos sítios rasos. Prous (2019) também concorda com esta perspectiva em sua recente revisão sobre a arqueologia brasileira. Ao se referir a esses sítios como *acampamentos* o autor reconhece que o termo não deve remeter à noção de duração da ocupação, mas sim à ausência de intenção de se construir montes.

Essa mesma perspectiva é adotada na presente pesquisa, a qual não se propõe a discutir a origem e a migração dos pescadores-caçadores-coletores, nem tampouco as diferenças socioculturais entre estes e os grupos sambaquianos. Essas questões, bastante complexas, têm sido debatidas de forma breve e superficial há décadas pela arqueologia brasileira, sendo necessárias discussões holísticas e com abordagens transdisciplinares para se avançar sobre o tema. Nesse sentido, destacam-se os aspectos ligados à migração, genética, dieta, violência, produção artefactual, e cosmologia.

3. CRONOLOGIA DO SÍTIO RIO DO MEIO

O sítio possui quatro datas radiocarbônicas distribuídas em distintos pontos do perfil estratigráfico, oferecendo assim uma boa ideia da extensão cronológica de sua ocupação, que ocorreu por pelo menos 200 anos: 620 ± 30 BP, 600 ± 30 BP, 780 ± 60 BP, 870 ± 30 BP (tabela 1; GILSON e LESSA, 2020).

A calibração e análise crítica destas datas mostram a existência de atividade humana entre 700 e 500 anos cal BP (tabela 1), o que representa uma instalação de tipo sítio raso com cerâmica na arqueologia pré-colonial do Brasil. O estudo dos intervalos das datas calibradas (ver GILSON e LESSA,

2020 para mais detalhes) infere também a sucessão rápida das três diferentes ocupações.

Tabela 1 - datas radiocarbônicas disponíveis para o sítio Rio do Meio/SC

Data convencional	Amostra	Contexto	Id lab	$\delta^{13}\text{C}$	Curva de calibração (Oxcal v4.3.1 Bronk Ramsey, 2017)	Data calibrada calBP ($2\sigma/95\%$)
600 \pm 30	carvão	2ª ocupação/Camada 2c/ Qd F18	Beta451660	-26.9	SHCal13	519-631
620 \pm 30	carvão	2ª ocupação/Camada 2a/ Qd J13	Beta451661	-21.9	SHCal13	527-640
780 \pm 60	malacológica	desconhecido	Beta178077	0.0	marine13, R: 220 \pm 20	473-654
870 \pm 30	otolito	1ª ocupação/Camada 4/ Qd G16	Beta451662	-0.4	marine13, R: 220 \pm 20	541-675

4. MÉTODO DE ESCAVAÇÃO

O sítio foi dividido em duas áreas de escavação (área I e área II), separadas por um intervalo de 58m. O registro da escavação seguiu o sistema de quadriculamento de 3,5 m² na área I e 1m² na área II, bem mais extensa, com 345m². A escavação foi realizada em níveis naturais, mas devido a espessura, as camadas arqueológicas foram divididas em níveis artificiais de 10 cm (FOSSARI, 1998, 2004).

Os pesquisadores tiveram a preocupação de registrar um máximo de informações, o que oferece hoje uma grande diversidade de fontes para a compreensão do sítio: croquis, fotos, mapas e relatórios, embora apenas um perfil estratigráfico tenha sido elaborado.

5. ESTRATIGRAFIA

5.1 As fontes originais

Três elementos permitem entender a estratigrafia do sítio: (1) as descrições realizadas por Fossari em seu relatório e em sua tese (1998, 2004); (2) o desenho do único perfil correspondente à borda oeste da área de escavação II; e (3) as fotografias desse mesmo perfil.

Nas descrições feitas pela arqueóloga encontra-se uma separação entre litoestrato e etnoestrato.

O primeiro termo se refere aos elementos presentes que têm uma origem exclusivamente natural (sedimento, raiz, etc.). O segundo termo se refere aos elementos que apresentam origem antrópica (cerâmica, estruturas, restos faunísticos, etc.). Lendo as descrições do relatório (1998) e da tese (2004) é possível entender que:

-Na área I foram encontradas três camadas: 1. uma camada superior húmica de 22 cm de espessura com muitas raízes e poucos restos arqueológicos descontextualizados; 2. uma camada arqueológica; 3. uma camada inferior de areia natural com penetração de elementos arqueológicos,

como estruturas de combustão, marcas de estacas e bioturbação (marcas de raízes principalmente).

-Na área II foram encontradas três camadas: 1. uma camada superior de areia de 20 cm até mais de 100 cm de espessura misturada com lixo contemporâneo, muitas raízes e alguns materiais arqueológicos descontextualizados; 2. uma camada arqueológica; 3. uma camada inferior de areia natural com penetração de elementos arqueológicos como estruturas de combustão, marcas de estacas e bioturbação (marcas de raízes principalmente).

Nas duas áreas as camadas arqueológicas parecem apresentar lentes/zonas de concentrações de material, ou seja, uma organização interna que remete à presença de fogueiras e cujas áreas ao redor foram interpretadas como estruturas de habitação e/ou espaço de circulação (FOSSARI, 2004).

O único perfil desenhado (figura 2) é um corte transversal do limite oeste da área II. Neste perfil é difícil visualizar as camadas descritas anteriormente: a camada superior, a camada arqueológica com suas lentes de concentração, e a camada inferior. De fato, como informado na legenda, a cor do sedimento foi o principal elemento utilizado como critério de distinção entre as diferentes camadas deste perfil, certamente com o objetivo de destacar a estrutura interna da camada arqueológica. Assim, a camada “areia amarelada” é a camada inferior de areia natural. As outras camadas “areia cinza escura”, “areia creme”, “areia preta com raízes e conchas” e “areia cinza clara” se referem às lentes/zonas dentro da camada arqueológica. A camada superior não está mais presente, mas foi representada pelo espaço deixado em branco no desenho.

A terceira fonte de informação deste mesmo perfil são as imagens capturadas durante a escavação. Uma imagem inteira deste perfil (figura 3) foi reconstituída a partir de seis fotografias polaroid, utilizando-se os softwares Photoshop e Illustrator. Esta montagem representa a melhor fonte para a compreensão do perfil, mesmo com a presença de uma pequena deformação gerada pelos diferentes ângulos de captura de cada fotografia.

Assim, com base nesta montagem é possível perceber a existência de cinco camadas diferentes:

- 1:** a camada superior, já retirada quando a imagem foi capturada, mas que pode ser projetada observando-se o segundo plano das fotografias. Trata-se da camada húmica descrita por Fossari (1998, 2004).
- 2:** a camada arqueológica, delimitada em azul na montagem, que parece apresentar na sua extensão sul (esquerda) quatro sub-camadas. As sub-camadas 2a e 2c, de cor mais escura, apresentam material arqueológico mais concentrado; as sub-camadas 2b e 2d, de cor mais clara, apresentam ausência ou menor quantidade de material arqueológico.
- 3:** uma camada de areia descrita como estéril em inúmeros croquis e que aparece em algumas quadras entre a camada 2 e a 4. Possivelmente corresponde às zonas descritas como “areia creme” no desenho original deste mesmo perfil. A espessura máxima desta camada tem aproximadamente 15 cm.
- 4:** segunda camada arqueológica, delimitada em verde na montagem, de cor escura, com material arqueológico;
- 5:** camada de areia estéril. Identificada como “areia amarelada” no desenho do perfil.

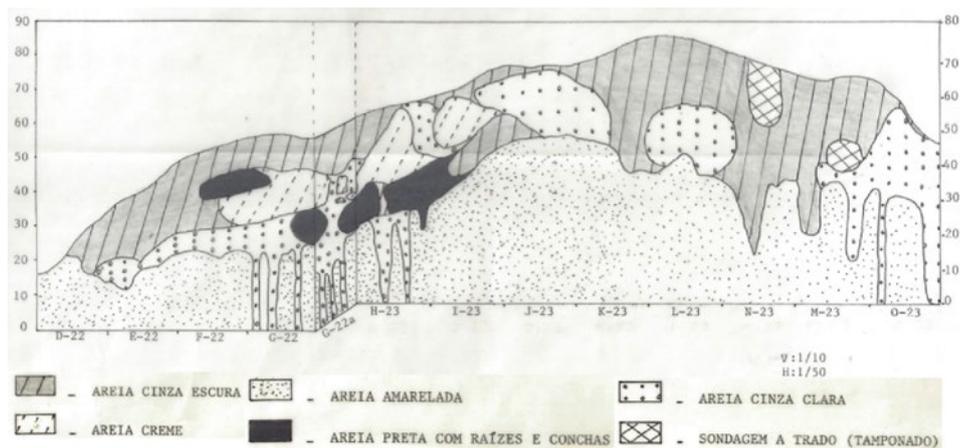


Figura 2. Perfil do sítio Rio do Meio: cópia digital do perfil estratigráfico N-S do lado oeste da área II do sítio Rio do Meio, elaborado pela equipe responsável pela escavação (Acervo MARque/UFSC).

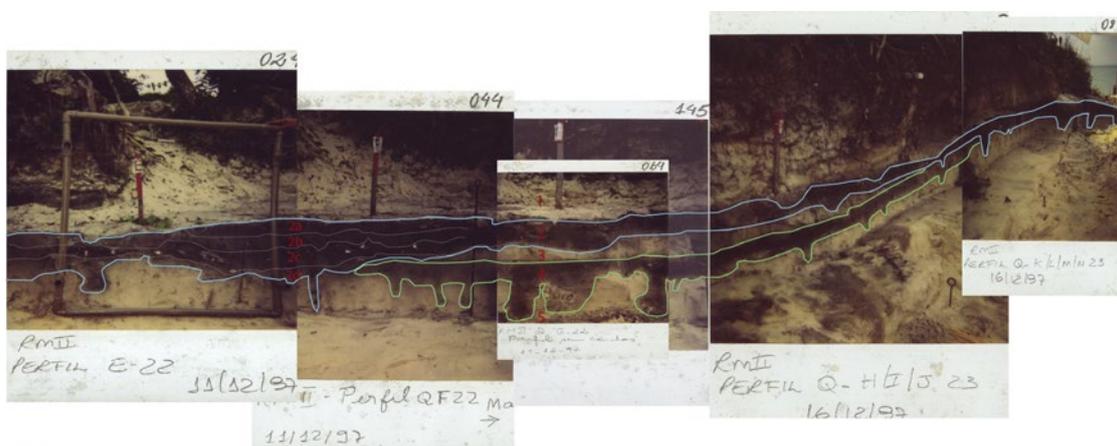


Figura 3. Perfil do sítio Rio do Meio: Reconstituição fotográfica do perfil N-S do lado oeste da área II do sítio Rio do Meio, a partir das fotografias polaroids (029, 044, 064, 078, 088 e 145), capturadas durante a fase de escavação.



Figura 4. Perfil do sítio Rio do Meio: fotografia de uma porção correspondente às quadras E22- F22-G22-H23 do perfil do lado oeste do sítio do Rio do Meio (RM-Slide-155) (Acervo MARque/UFSC).

Outra fotografia do perfil (figura 4), que corresponde às quadras E22-F22-G22-H23, e capturada no sentido oposto ao da montagem, oferece a possibilidade de se observar melhor a existência de diferentes lentes de concentração no interior das duas camadas arqueológicas, representantes da realização sucessiva de atividades antrópicas durante a ocupação do assentamento.

Neste ponto vale ressaltar que através da análise das fontes originais fica evidente que as fotografias, e sobretudo a recente montagem, são os instrumentos que permitem uma melhor compreensão da estratigrafia da área II do sítio Rio do Meio. As descrições oferecem um excelente complemento de informações, principalmente no que se refere aos dados proporcionados pelas fotografias do perfil desenhado. No entanto, elas não demonstram a presença de duas camadas arqueológicas, mas de somente uma.

A ausência de fotografias, entre outros motivos, foi um dos aspectos determinantes para a desconsideração da área I do sítio na presente pesquisa, a despeito do potencial informativo que ela possa representar. De fato, sem complemento de imagens, há um grande risco de incompreensão da estratigrafia desta primeira área escavada.

5.2 Novos perfis esquemáticos

Devido à ausência de registro por imagem ou descrição completa de outros perfis estratigráficos, foram aqui elaborados quatro desenhos esquemáticos (figura 5) baseados em descrições parciais disponíveis em croquis elaborados por Fossari. No decorrer da escavação, os pesquisadores desenharam 1.521 croquis para diversos níveis da área II. Para os níveis com espessura desconhecida foi projetado o valor de 10 cm (altura de cada decapagem artificial). Essa superposição de “camadas” foi feita para cada quadra separadamente, e posteriormente em conjunto. A justaposição dos perfis individuais de cada quadra com as descrições presentes nos croquis permitiu observar a continuidade das camadas e lentes, e, assim, em várias ocasiões, as informações se completaram em relação à espessura das mesmas.

Dois perfis estratigráficos Oeste-Leste, e dois perfis Norte-Sul foram elaborados (figura 5). O perfil oeste-leste G22-G13 (figura 5A) assim como os perfis sul-norte D14-N14 (figura 5C) e D18-M18 (figuras 5D) oferecem a mesma sucessão de camadas que o perfil em fotografia. É possível ver a presença das duas camadas arqueológicas (camada 2 e 4) e a presença das lentes. O perfil oeste-leste I21-I2 (figura 5B) mostra somente a existência da primeira camada arqueológica (camada 2 da montagem fotográfica) e das lentes.

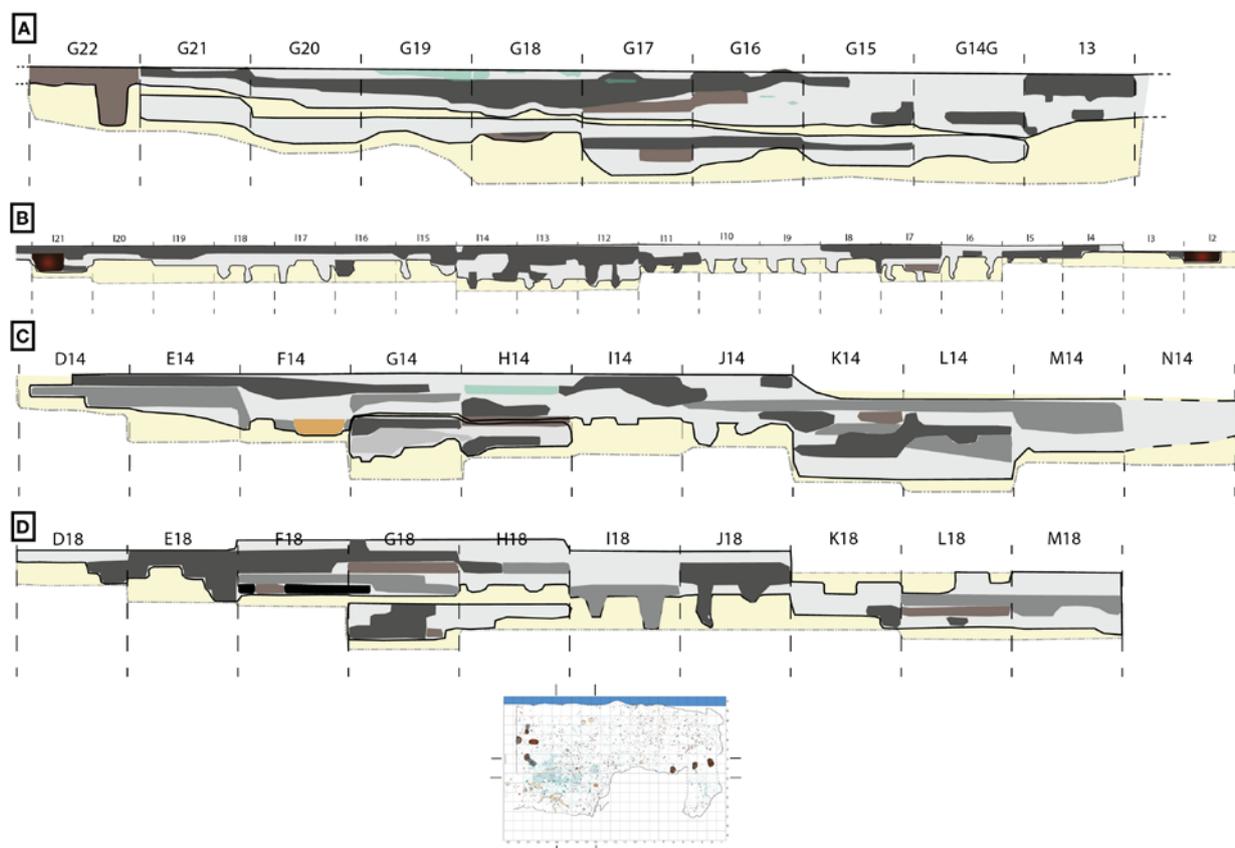


Figura 5. Perfis esquemáticos: Os quatro perfis esquemáticos elaborados a partir dos croquis de Fossari, Sítio Rio do Meio/SC. Perfil A: corte oeste-leste da quadra G22 a G13; perfil B: corte oeste- leste da quadra I22 a I2; Perfil C: corte sul-norte D18 a M18; Perfil D: corte sul-norte D14 a N14.

6. ANÁLISE ESPACIAL

As análises espaciais foram realizadas a partir da elaboração de mapas de distribuição e de densidade, os quais permitiram a análise das relações espaciais horizontais e verticais entre os vestígios. Tanto os mapas de distribuição quanto os perfis esquemáticos tiveram como base os croquis elaborados pela equipe de Fossari, cujos dados foram vetorizados através do *software Illustrator*. Os mapas de densidade tiveram como base os dados quantitativos obtidos na presente pesquisa por pesagem ou contagem do material alvo, e foram elaborados utilizando-se o *software QGIS*. O entendimento da organização espacial do sítio foi o resultado da leitura conjunta dessas duas fontes de informações complementares.

Assim, os mapas de distribuição oferecem uma localização precisa dos vestígios encontrados no sítio (fauna, cerâmica, material lítico, estruturas de combustão) e permitem a visualização das zonas de concentração. O primeiro mapa (figura 6) representa a distribuição geral dos vestígios na segunda e terceira ocupações, e demonstra uma concentração maior de material nas quadras D14 a J21. É possível que esse acúmulo esteja relacionado às quatro estruturas de combustão presentes nas quadras I21, K20-21, K22 e L21, tal como observado no canto oeste da zona de escavação II

e na zona sul-leste, a despeito da destruição parcial da área. Da mesma forma, as estruturas de combustão presentes nas quadras H6, H-14 e H-12 estão possivelmente relacionadas com a área de concentração ainda perceptível das quadras D2 a G4.

A existência de áreas com maior grau de concentração é confirmada pelo mapa de densidade de peso do material malacológico (figura 7) e, sobretudo, através da superposição destes dois mapas (figura 8). O estudo arqueozoológico da coleção do sítio Rio do Meio (GILSON e LESSA, 2021a, 2021b), por sua vez, confirmou que os restos de ossos seguem um padrão similar de concentração àquele observado para os restos malacológicos. De fato, as quadras amostradas com maior ou menor concentração de restos faunísticos correspondem àquelas com maior ou menor concentração de restos malacológicos.

Embora a elaboração e sobreposição de mapas tenha sido uma poderosa ferramenta para o estudo estrutural do sítio quando associada à leitura estratigráfica, também apresentou limites. Se por um lado localizou com precisão inúmeros elementos, como líticos, cerâmicos, ossos de baleia, estruturas de combustão, entre outros de grande tamanho, por outro não foi possível utilizá-la para elementos menores, como os dentes de tubarões ou ferramentas sobre ossos, uma vez que nem todos foram identificados durante a escavação e, conseqüentemente, representados nos croquis.

O mapa de distribuição da primeira ocupação (figura 9), oferece menos informação e não foi possível evidenciar a presença de uma organização espacial, a menos que o material encontrado possa estar também relacionado às quatro estruturas de combustão do lado oeste do sítio. Essa ligação reforçaria os dados cronológicos, os quais indicam a existência de uma ocupação recorrente do espaço ao longo de aproximadamente 200 anos, e possivelmente ampliaria esse intervalo de tempo.

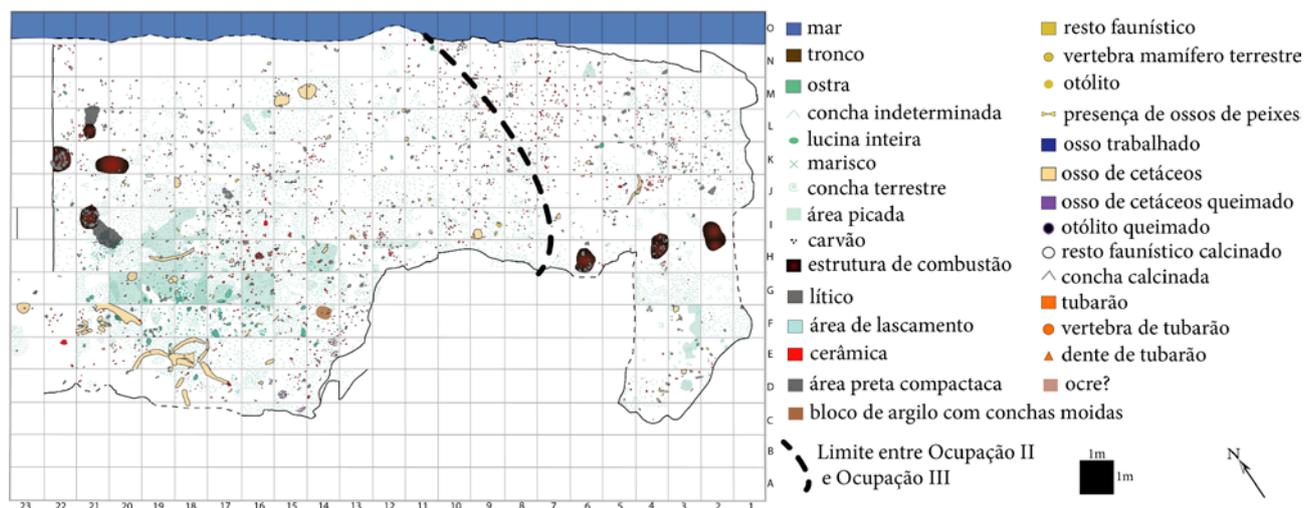


Figura 6. Mapas de distribuição da área II do sítio do Rio do Meio: material e estruturas da segunda e terceira ocupações da área II do sítio do Rio do Meio.

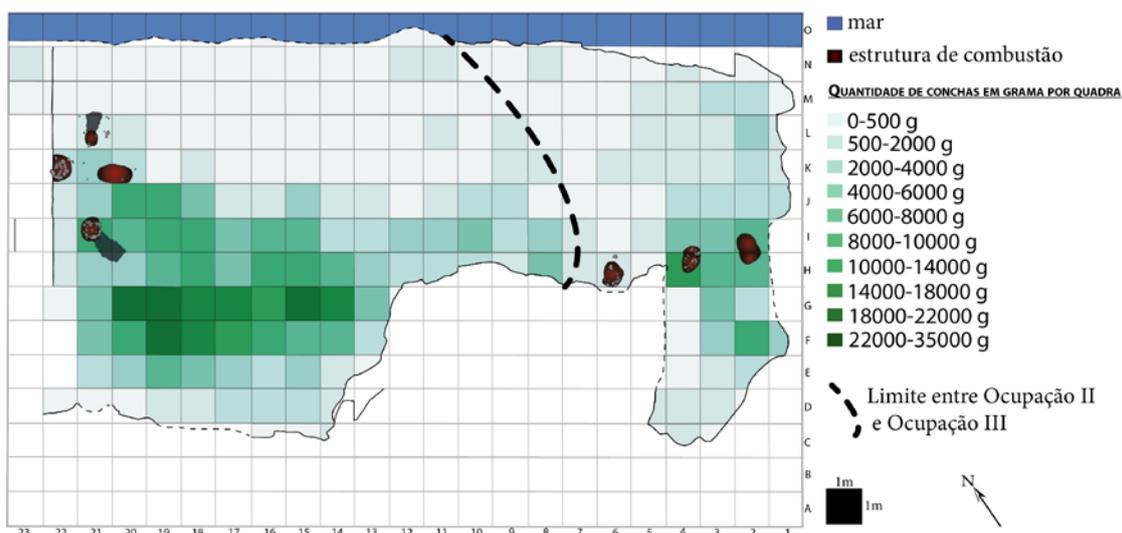


Figura 7. Mapa de densidade em grau de calor das áreas de concentrações dos restos malacológicos, com base no seu peso total por quadra.

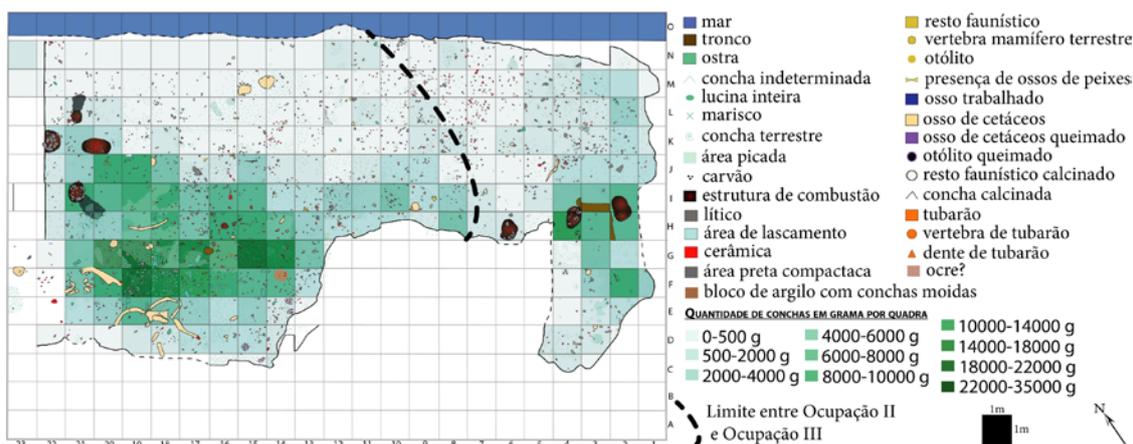


Figura 8. Associação do mapa de distribuição da segunda e terceira ocupações com o mapa de densidade em grau de calor dos restos malacológicos da segunda e terceira ocupações.

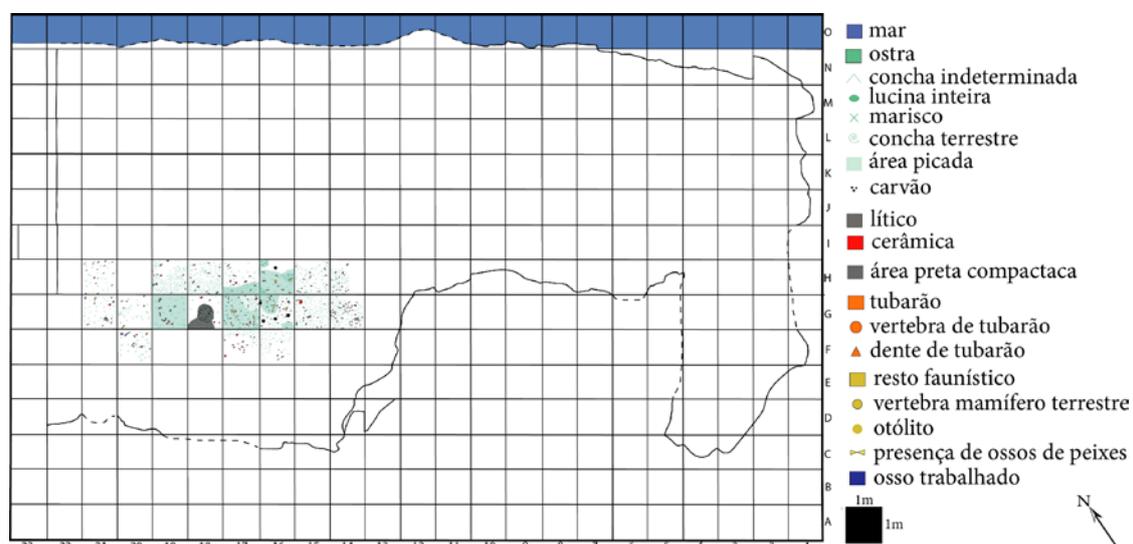


Figura 9. Mapa de distribuição da primeira ocupação da área II do sítio do Rio do Meio com material e estruturas.

As estruturas de combustão presentes no sítio e descritas por Fossari (2004) foram construídas com pequenos blocos de rocha dispostos em círculos (figura 10). Elas possuem por volta de 50 cm de diâmetro e estavam preenchidas com sedimento muito escuro (figura 10). Com base nos croquis e nas fotos, estima-se que estas estruturas tenham uma profundidade entre 15 e 20 cm. O minucioso trabalho de mapeamento realizado neste trabalho permitiu evidenciar ações de limpeza nas estruturas localizadas nas quadras I21 e L21 (figura 6, 7 e 8). A evidência toma a forma de uma mancha muito escura, com presença de cinzas e material orgânico calcinado. Esta mancha possui limites irregulares e difusos e está conectada a um lado específico da estrutura (figura 6, 7 e 8). A presença deste despejo de sedimento é testemunho da utilização prolongada de uma mesma estrutura, que pode ser interpretada de duas formas: 1) utilização contínua da estrutura durante um longo tempo levando à necessidade de limpeza; 2) reutilização da estrutura após seu abandono.

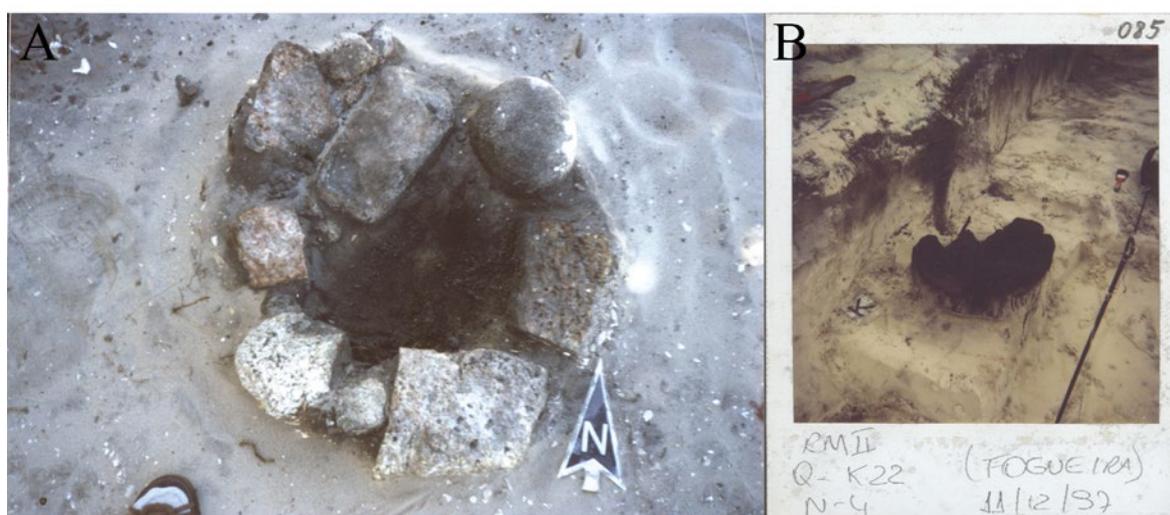


Figura 10. Exemplo da fogueira K22: (A) antes escavação e retirada dos blocos; (B) depois da escavação de um roedor e retirada dos blocos (Acervo MARQUE/UFSC).

Finalmente, o último elemento que pode ser discutido é a existência de estruturas materializadas por vestígios associados a buracos de estaca. Estes elementos estão visíveis na reconstituição fotográfica do perfil N-S do lado oeste da área II do sítio Rio do Meio a partir das fotografias polaroide (figura 3), nos perfis esquemáticos (figura 5), e no mapa de distribuição (figura 8). No entanto, como mencionado por Fossari (1998, 2004), o sítio sofreu bioturbação causada pela cobertura vegetal, e parte dos vestígios perceptíveis nas imagens seriam na realidade marcas deixadas por raízes. Dessa forma, no mapa de distribuição (figura 11) foram considerados apenas os elementos caracterizados nos croquis por Fossari e equipe como “buracos de estacas”.

Como já observado por Fossari (2004), a análise de distribuição espacial não demonstrou um padrão reconhecível de distribuição das marcas de estaca, no entanto é possível que estejam associadas a estruturas leves e relativamente frágeis, recolocadas periodicamente. O diâmetro dessas marcas, entre 13 e 25 centímetros, e sua profundidade, até 30 centímetros, vão ao encontro dessa hipótese. Nesse sentido, e considerando-se que no assentamento eram desenvolvidas atividades

especializadas na captura e tratamento de recursos marinhos (Gilson e Lessa, 2021a, 2021b) faz sentido pensar em estruturas para secar ou salgar a carne, ou ainda estruturas de proteção para as pessoas e/ou para os recursos contra o vento e a chuva. Embora não se tenha observado na distribuição espacial das evidências formatos que remetam a estruturas reconhecíveis, o que seria natural em caso de reutilização do espaço, sua localização no assentamento constitui-se um dado interessante. Os buracos de estaca não estão espalhados aleatoriamente por toda a área, mas formam dois blocos ou um bloco maior em sentido diagonal em relação ao oceano (não é possível ter certeza uma vez que as quadrículas na área central não foram escavadas), e nunca se aproximam muito das estruturas de combustão. Esses dados sugerem fortemente que se trata efetivamente de vestígios resultantes de ação antrópica, e que a atividade associada não requeria o contato com as chamas ou com o calor do fogo.

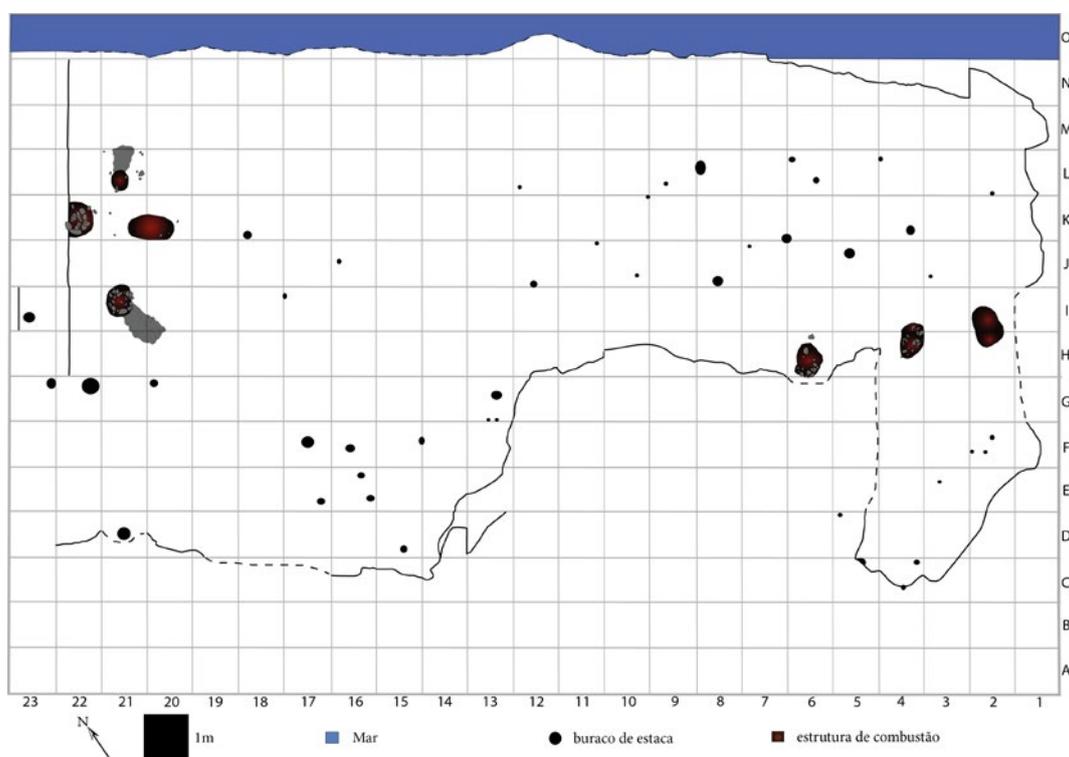


Figura 11: mapa de distribuição dos buracos de estaca registrados por Fossari e equipe nos croquis das áreas associadas às ocupações II e III, sítio Rio do Meio - SC.

7. A DINÂMICA DE OCUPAÇÃO

De acordo com a análise estratigráfica, observam-se duas camadas arqueológicas distintas bem visíveis na montagem fotográfica do perfil N-S do lado oeste do sítio, e nos perfis esquemáticos (G13-G22, D18-M18, D14-N14). A segunda ocupação (camada 2, mais recente) corta visivelmente a primeira (camada 4) ao nível da quadra F 22, o que testemunha a existência bem marcada de dois momentos diferentes de ocupação (ocupação I e II).

O terceiro elemento que remete à ocupação do assentamento deve ser observado através da leitura da camada 2, a qual apresenta uma espacialidade heterogênea. Como foi mostrado na descrição dos mapas de distribuição e de densidade (figuras 6-9), o lado oeste e o lado sul-leste do espaço escavado mostram a presença de um padrão de instalação similar entre essas duas áreas com a associação entre estruturas de combustão e zonas de concentração de material. A repetição de um mesmo padrão de utilização do espaço, no lado sul-leste, permite pensar na existência deste terceiro elemento participando da ocupação. Esse terceiro elemento corresponderia então ao lado sul-leste do sítio, cuja relação estratigráfica com o segundo momento (camada 2 do lado oeste) apresenta dados imprecisos, podendo ser diacrônica ou sincrônica. Este terceiro elemento pode ser nomeado de ocupação III, termo escolhido por ser mais abrangente, porém, como mencionado, devido à precariedade dos dados não é possível afirmar que seja uma fase ocupacional distinta.

Embora o potencial informativo dos perfis esquemáticos seja notório, em termos de abordagem estratigráfica eles apresentam limitações. Ainda assim, as análises do perfil oeste-leste I22-I2 em associação com os mapas de distribuição, e particularmente do mapa de concentração de conchas em associação com as estruturas de combustão (figuras 7 e 8), sugerem que a camada arqueológica 2 não é o resultado de uma instalação humana homogênea. Ao contrário, representaria instalações similares justapostas horizontalmente, e talvez também verticalmente (ver descrição da estratigrafia). De fato, a possível presença das sub-camadas no interior da camada 2, visível na montagem das fotografias do perfil na altura das quadras E22 e F22, sugere a existência de uma série de episódios similares de ocupação responsáveis pela sua formação. A ausência de informações mais detalhadas, no entanto, não permite confirmar esta possibilidade.

No que se refere à ocupação mais recente do assentamento, a existência de duas áreas de atividades que apresentam padrão de instalação idêntico, com associação entre estruturas de combustão e zonas de concentração de material faunístico e cultural semelhantes, leva à formulação de diferentes hipóteses. As áreas de atividades podem ter sido ocupadas simultaneamente ou em períodos sucessivos, caracterizando, neste último caso, uma terceira ocupação para o sítio. Devido à ausência de dados, é possível que essa questão permaneça sem resposta. De uma ou de outra forma, as atividades podem ter sido desenvolvidas pelo mesmo grupo de pessoas, ou ainda por distintos grupos de pescadores-caçadores-coletores.

Essa última possibilidade permite que a discussão se estenda para além do assentamento Rio do Meio e avance sobre a sua integração na dinâmica de ocupação regional do espaço pelos pescadores-caçadores-coletores que ocuparam os sítios rasos. O Rio do Meio não se apresenta como uma instalação isolada na paisagem pré-colonial da Ilha de Santa Catarina (figura 1). No entanto, configura-se como um assentamento diferenciado daqueles até então conhecidos, uma vez que, como demonstrado por Gilson e Lessa (2021a), as estruturas, os restos faunísticos, as indústrias e suas inter-relações quantitativa, qualitativas e espaciais, atribuem-lhe uma funcionalidade específica, voltada para a captura e o tratamento dos recursos marinhos. Em nível territorial regional, essa singularidade remete à ideia de mobilidade diária ou periódica entre pescadores-caçadores-coletores para a captação de recursos específicos em um ecossistema já conhecido e sob o qual mantinham

controle suficiente para uma bem-sucedida adaptação: o que hoje se conhece como baía Norte e seus arredores. Esse sistema permitiria o compartilhamento dessa fértil área de captação de recursos entre grupos afins, ocupantes de sítios rasos localizados em distintos locais da ilha, o que poderia favorecer não somente o desenvolvimento de técnicas de captura de animais com centenas de quilos e/ou agressivos, como as baleias e os tubarões, mas também a sua distribuição para o consumo.

Vale ressaltar a abordagem inédita, para sítios rasos, no que se refere a esse sistema de complementaridade através do compartilhamento de uma instalação com função específica e de uma área de captação de recursos. Esta abordagem diferencia-se daquela sugerida por Klökler (2014) em relação à presença e processamento dos tubarões e cetáceos no sambaqui Jabuticabeira II/SC, e reforçada por Cardoso (2018) para o sítio Galheta IV/SC, um sambaqui tardio. Em ambos os casos observa-se uma área de captação de recurso, no entanto, o compartilhamento desta instalação por vários grupos não foi sugerido.

Em relação à formação do sítio, os dados fornecidos pelo estudo arqueozoológico (ver GILSON e LESSA, 2021a, 2021b), e o trabalho de Fossari (2004) sugerem que o Rio do Meio resulta do acúmulo dos restos descartados durante as atividades voltadas para a captura e processamento de animais, especialmente os marinhos, com o propósito de prepará-los para o consumo imediato e para o transporte até os locais de habitação. A distribuição do material no interior de cada camada indica a presença de estruturas diferenciadas, o que provavelmente se relaciona com o ritmo das atividades empreendidas no assentamento em cada momento. Com a destruição do sítio e a ausência de perfis mais detalhados, no entanto, é muito difícil ir além destas considerações gerais, assim como inferir sobre o comportamento das camadas na extensão Leste-Oeste do sítio, cujos dados estão disponíveis somente nas estratigrafias esquemáticas. Os autores ainda buscam preencher algumas dessas lacunas através de estudos interdisciplinares atualmente em andamento.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de uma visão integrada das análises espaciais e estratigráficas foi possível inferir sobre a dinâmica de ocupação do assentamento do Rio do Meio. O sítio apresenta uma estratigrafia e organização espacial relativamente simples, que seria o resultado de dois ou três momentos de ocupação. Cabe enfatizar que, devido às particularidades da dinâmica ambiental em uma área de dunas junto ao oceano, o intervalo de tempo entre esses momentos pode ter sido muito pequeno. Assim, a camada de areia estéril que separa a ocupação mais antiga das demais, com profundidade entre 10 e 20 centímetros, pode ter sido formada em questão de horas ou dias, dependendo dos eventos climáticos. A desocupação temporária do assentamento pode inclusive ter relação com condições ambientais extremas, ou ainda com eventos de ordem sociocultural e simbólica. Assim, é possível propor como hipótese geral que o grupo que ocupou originalmente o assentamento Rio do Meio para realizar atividades de captação e processamento de recursos marinhos, deixou o local, talvez devido a um evento climático pontual extremo. Pouco tempo depois, essas mesmas pessoas ou outro grupo de pescadores-caçadores-coletores ocuparam novamente a área, dessa vez sem

interrupções até o seu abandono definitivo. No total, essa instalação foi utilizada para a mesma finalidade por aproximadamente 200 anos.

As reflexões e hipóteses sobre a função, a dinâmica de ocupação e a importância do sítio do Rio do Meio no âmbito da paisagem pré-colonial da costa brasileira precisam ser refinadas e testadas a partir de novos estudos com as suas coleções e com os dados de campo, mas principalmente a partir do reconhecimento e escavação de outros assentamentos similares. Somente mediante um melhor conhecimento destas instalações humanas diferenciadas será possível entender melhor a complexidade das inter-relações entre lugares, as pessoas que os ocuparam e o seu estilo de vida ao longo da costa catarinense. Aqui cabe lembrar o quão pouco conhecidos pela arqueologia são os pescadores-caçadores-coletores litorâneos e seus invisíveis sítios rasos, a despeito de se revelarem, a cada pesquisa, grupos bastante complexos sob as perspectivas socioculturais, econômicas e simbólicas.

Também é importante ressaltar que o sítio Rio do Meio é, como todo sítio arqueológico, um espaço definido pela área escavada, o que não corresponde ao espaço total ocupado pelos grupos humanos que frequentaram a baía e o seu entorno. De fato, a presença de outra zona de escavação (área I), assim como a presença de um prolongamento dessa camada arqueológica nas dunas para além da delimitação do sítio (FOSSARI, comunicação pessoal a S-P. G.), indicam que a área delimitada não abrange a totalidade das atividades humanas desenvolvidas no assentamento. Os poucos resultados conhecidos para a área I do sítio apontam para um padrão de assentamento em tudo semelhante ao das demais áreas, reforçando a ideia de que a instalação era mais extensa. Teria sido mais antiga? Nesse momento essas reflexões valem sobretudo para que não se perca a noção de que de todas as possibilidades e certezas sobre a vida dessas pessoas, foi revelada apenas uma mínima parte.

AGRADECIMENTOS

Dedicamos este artigo à Teresa Domitila Fossari *in memoriam*, a quem agradecemos a acolhida, a gentileza e a troca de experiências durante a realização da pesquisa; à Luciane Zanenga Scherer por toda a ajuda ao longo dessa trajetória; à CAPES, ao CNPq, e ao Prêmio Catarinense de Museus Elisabete Anderle pelo apoio financeiro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BANDEIRA, D. DA R. *Ceramistas pré-coloniais da Baía da Babitonga, SC – Arqueologia e Etnicidade*. (Tese de doutorado) São Paulo: Universidade Estadual de Campinas, 2004.
- BECK, A. Os sambaquis do Brasil Meridional: Litoral de Santa Catarina. *Anais do Museu de Antropologia*, v. 3, p. 57–70, 1971.
- BECK, A. *A variação do conteúdo cultural dos Sambaquis do litoral de Santa Catarina*. (Tese de doutorado) São Paulo: Universidade de São Paulo, 1972.
- CARDOSO, J. *O sítio costeiro Galheta IV: uma perspectiva zooarqueológica*. (Tese de mestrado) São Paulo: Museu de Arqueologia e Etnologia (USP), 2018.
- FOSSARI, T. D. *O Salvamento do Sítio Rio do Meio: Projeto Gerenciamento dos Sítios Arqueológicos do Empreendimento Jurerê Internacional*. Florianópolis: IPHAN/SC, 1998.
- FOSSARI, T. D. *A população pré-colonial Jê na paisagem da Ilha de Santa Catarina*. (Tese de doutorado) Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2004.
- GILSON, S.-P.; LESSA, A. Arqueozoologia do sítio Rio do Meio (SC): discutindo estilo de vida de pescadores-caçadores-coletores através de uma abordagem ecossistêmica. *Revista de Arqueologia*, v. 34, n. 1, p. 217–248, 31 jan. 2021a.
- GILSON, S.-P.; LESSA, A. Capture, processing and utilization of sharks in archaeological context: Its importance among fisher-hunter-gatherers from southern Brazil. *Journal of Archaeological Science: Reports*, v. 35, p. 102693, 2021.
- GILSON, S.-P.; LESSA, A. Ocupação tardia do litoral norte e central catarinense por grupos pescadores-caçadores-coletores: uma revisão crítica do contexto cronológico dos sítios rasos com presença de cerâmica. *Revista de Arqueologia*, v. 32, n. 2, p. 55–77, 2020.
- KLOKLER, D. A ritually constructed shell mound: Feasting at the Jabuticabeira II Site. In: ROKSANDIC, M. et al. (Eds.). *The Cultural Dynamics of Shell-Matrix Sites*. Albuquerque: University of New Mexico Press, 2014. p. 151–162.
- LESSA, A. Reflexões preliminares sobre paleoepidemiologia da violência em grupos ceramistas litorâneos:(I) Sítio Praia da Tapera–SC. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, n. 15–16, p. 199–207, 2005.
- LESSA, A. Projeto Faperj-Edital 08/2015– Programa de Apoio a Projetos de Pesquisa na Área de Humanidades. Datações para sítios rasos: subsídios para uma revisão dos dados arqueológicos e bioarqueológicos e para novas discussões sobre a ocupação do litoral de Santa Catarina. 2015.
- LESSA, A.; SCHERER, L. Z. O outro lado do paraíso: novos dados e reflexões sobre violência entre pescadores-coletores pré-coloniais. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, n. 18, p. 89– 100, 2008.
- PIAZZA, W. F. Dados à Arqueologia do Litoral Norte e do Planalto de Canoinhas. Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (Resultados Preliminares do Quinto Ano). *Publicações Avulsas*, Bélem, v. 26, p. 53–66, 1974.
- PROUS, A. *Arqueologia Brasileira*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1992.

- PROUS, A. *Arqueologia brasileira: a pré-história e os verdadeiros colonizadores*. 1a edição ed. Cuiabá-MT: Archaeo ; Carlini e Caniato Editorial, 2019.
- RIBEIRO, D. *Os índios e a civilização*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1970.
- ROHR, A. S. J. Pesquisas Páleo-Etnográficas na Ilha de Santa Catarina. *Pesquisas*, v. 3, p. 199–266, 1959.
- ROHR, A. S. J. Terminologia Queratosseodontomalagológica. *Anais do Museu de Antropologia*, n. 9–10, p. 5–82, 1977.
- ROHR, J. A. S. J. Pesquisas Arqueológicas em Santa Catarina: I - Exploração sistemática do sítio da Praia da Tapera. *Pesquisas, Série Antropologia*. v. 15, p. 3–20, 1966.
- ROHR, J. A. S. J. Sítios arqueológicos de Santa Catarina. *Anais do Museu de Antropologia da UFSC*, v. 17, p. 77–168, 1984a.
- ROHR, J. A. S. J. o sítio arqueológico da praia das Laranjeiras, Balneário Camboriú. *Anais do Museu de Antropologia da UFSC*, n. 17, p. 5–76, 1984b.
- SCHERER, Luciane Z. Edital nº 294/2014– Prêmio Catarinense de Museus Elisabete Anderle, Modalidade de Pesquisa 2014. Revisitando o acervo arqueológico Rio do Meio: estudo das coleções cerâmica, faunística e lítica. 2016.
- SCHMITZ, P. I. Escavações arqueológicas do Pe João Alfredo Rohr, S.J. Visão conjunto dos sítios da Tapera, Armação do Sul, Laranjeiras I e II, Pântano do Sul e Cabeçudas. *Pesquisas antropologia*, n. 53, p. 183–190, 1996.
- SERRANO, A. Las culturas protohistóricas del Este Argentino y Uruguay. *Memorias del Museo de Paraná*, v. 7, p. 9–43, 1933.
- SERRANO, A. *Etnografía de la Antigua Provincia del Uruguay*. Paraná: Talleres graficos F. Melchior, 1936.
- TIBURTIUS, G.; BIGARELLA, I. K.; BIGARELLA, J. J. Nota previa sobre a jazida paleoetnografica de Itacoara (Joinville). *Arquivos de Biologia e Tecnologia*, v. V e VI, p. 315–345, 1950.